

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A VISÃO DO ÍNDIO EM JORGE LUÍS BORGES

Aline Venturini¹ (UFRGS –Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

O índio é considerado uma figura bárbara na Argentina. A sua representação mais frequente na literatura local, tanto platina, quanto riograndense, é a do selvagem, solto na floresta ou mesmo pelo pampa deserto. Jorge Luís Borges, no entanto, difere de seus conterrâneos. Sua visão do índio diz respeito principalmente sobre a maneira como concebe a formação da identidade platina e, sobretudo, da periferia (países latino-americanos) em relação ao centro (Europa-França). Por isso, este trabalho tem como objetivo principal investigar as formas que o índio aparece na obra de Borges, no que tange a reflexão sobre a construção da identidade como a simultaneidade da barbárie e civilização.

Existem poucas referências ao índio na obra de Borges. Dois textos mais significativos são os contos “La historia del guerrero y de La cautiva, do livro *El Aleph* (1949) e “El cautivo”, de *El Hacedor* (1960). Além desses, ainda existem menções em poemas e outros ensaios, presentes principalmente nos livros *Discusión* (1932), ensaio “La poesía gauchesca”; *Cuaderno San Martín* (1929); *Evaristo Carriego* (1930); *Historia Universal de La infâmia* (1935); *La Moneda de Hierro* (1976) e *Los Conjurados* (1985).

Destacamos três tipos de referências aos índios na obra de Borges: a primeira, o índio como o indivíduo europeu que assume a cultura indígena, não importando ser dessa origem ou não, predominante na obra; a segunda, o mestiço, que possui sangue índio, mas não se vê como tal. e, terceira, a do índio selvagem, que é a menos presente. A face que pressupõe a aquisição da cultura, expõe o conceito de índio de Borges que

¹ Mestre em Literatura Brasileira, orientada pelo professor Dr. Luís Augusto Fischer, RS/Brasil-
alineventurini@yahoo.com.br

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

ultrapassa a natividade e a origem e põe luz na opção de escolha do indivíduo de ser quem ele quiser, aliadas às condições do meio.

1- O EUROPEU INDIANIZADO

A primeira face está presente nos dois contos. Os índios, em questão, são dois ingleses desterrados, capturados por malones (ataques de índios). Tornam-se como seus sequestradores, ao conviver com sua cultura, mas não se esquecem de todo de sua língua natal, o inglês. São convidados a retornar à civilização, porém se negam. Aí está presente a questão da escolha, mas também do ambiente, que os familiarizou na cultura indígena. Mais do que a questão de cultura, contudo, está presente em Borges a ideia da simultaneidade da barbárie e da civilização.

A barbárie está relacionada diretamente aos índios e a civilização, aos ingleses (europeus). Nos dois contos, Borges pensa na formação da identidade platina, e a vê como a troca de caracteres culturais entre o índio e o colonizador, e no caso desses países hispano-latinos, entre interior e urbano, que perpassam as ideias de barbárie e civilização. Para esclarecer os dois conceitos, recorreremos a Williams (2007, p. 83) para o qual barbárie é o contrário de civilização, que remete a “vida social organizada” e também adquire um novo sentido, o qual: “a partir do séc 18, é uma combinação específica das ideias de um processo e uma condição adquirida. Tem atrás de si o espírito geral do Iluminismo, com sua ênfase no autodesenvolvimento humano.”

A civilização, de acordo com Williams (2007, p.82-83) refere-se ao refinamento de maneiras, ao ordenamento, no que diz respeito à sociedade e ao conhecimento. Esse conceito se opõe ao que é considerado barbárie, que se relaciona à cultura indígena. A ordem é estabelecida por meio de leis, do qual se origina o termo “civil”

Civilization foi precedida em inglês por *civilize*, que surgiu no início do S17 a partir do francês *civiliser*, do S16, p.i. *civilizare*, do latim medieval (transformar uma questão criminal em uma questão civil e, por extensão, incorporar a uma forma de

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

organização social.) (...) **Civil** , portanto, foi usado em inglês a partir do S14 e, por volta do S16, adquiriu os sentidos ampliados de ordeiro e educado. (WILLIAMS, 2007, p.82-83)

Esse significado originou a definição de civilização que se tem atualmente, segundo Williams (2007, p.85) ligado ao conceito de “civilização ocidental” , especialmente “em contraste com *selvageria* ou *barbarismo*. Nos contos, esse contraste entre civilização e barbárie existe, mas ocorre troca e também aquisição de novas características de identidade ao civilizado, que se transforma em bárbaro. No entanto, ao retornar à civilização, lhe sobrevêm na memória aspectos dela que ficaram adormecidos na memória.

1.1- EL CAUTIVO

É o que ocorre em “El cautivo”, do livro “El Hacedor” (1999). O menino inglês, capturado por um malón e separado de seus pais, é encontrado anos depois. Ao retornar, lhe vem à memória alguns lampejos da civilização, mesmo após tornar-se um índio bárbaro

El hombre, trabajado por el desierto y por la vida bárbara, ya no sabía oír palabras de la lengua natal, pero se dejó conducir , indiferente y dócil, hasta la casa. Ahí se detuvo, tal vez porque los otros se detuvieron. Miró la puerta, como sin entenderla. De pronto bajó la cabeza, grito, atravesó corriendo el zaguán y los dos largos patios y se metió en la cocina. Sin vacilar, hundió el brazo en la ennegrecida campana y sacó el cuchillito de mango de asta que había escondido ahí, cuando Chico. Los ojos le brillaron de alegría y los padres lloraron porque había encontrado al hijo. (BORGES, 1960, edição 2009, P.

Neste momento, embora o menino inglês tenha se tornado índio pela influência do ambiente, a memória da civilização veio à tona. Isso significa que, embora barbarizado, sua porção de identidade civilizada também estava presente. Assim, para Borges, o índio também está no branco, que adquire sua cultura e é dessa maneira que a identidade platina é formada, a partir da simultaneidade da barbárie e da civilização no

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

mesmo indivíduo. O menino é bárbaro, mas possui a lembrança da faca que escondeu quando criança na casa, ainda em companhia dos pais ingleses. A sociedade platina também é assim: tem a influência muito grande da barbárie indígena, mas também existe os preceitos da civilização, ditados por seus colonizadores, que estão na memória e servem de modelo para criar a sua identidade, embora haja o desejo da diferenciação, para formar uma nação. O menino é bárbaro, mas possui a lembrança da faca que escondeu quando criança na casa, ainda em companhia dos pais ingleses. A sociedade platina também é assim: tem a influência muito grande da barbárie indígena, mas também existe os preceitos da civilização, ditados por seus colonizadores, que estão na memória e servem de modelo para criar a sua identidade, embora haja o desejo da diferenciação, para formar uma nação.

Ideia da qual Borges discorda. Como é possível um país novo possuir uma cultura própria, ainda mais baseada no índio e na barbárie? Carlos R. Stortini organizou uma coletânea de trechos de entrevistas de Borges sobre diversos assuntos, inclusive sobre Nacionalismo. De acordo com que a fala de Borges que Stortini, nacionalismo é:

Sem dúvida, um defeito. Compreendo que em países de cultura antiga seja possível ser nacionalista. Mas aqui temos uma história que abrange um século e meio. Não sei como podemos ser nacionalistas. Não temos cultura própria. Tampouco podemos achar que pertencemos a antigas culturas indígenas, como no México ou no Peru. Os pampas contavam-se nos dedos, assim: um, dois, três, quatro, muitos. O infinito começava pelo dedo polegar... Não obstante, temos uma vantagem. Como a Espanha estava decaindo, não podíamos nos ater á cultura espanhola. Queríamos nos desligar dessa cultura. Isso nos fez procurar a cultura francesa. É bom. Os europeus, comparados conosco, são de algum modo provincianos. Um inglês, um norueguês, um italiano são europeus? Ao contrário, são ingleses, noruegueses, italianos. Em contrapartida, podemos tomar com imparcialidade tudo o que quisermos dessas culturas. Não temos compromissos. Podemos nos entusiasmar com a obra de Cervantes, de Voltaire, de Shakespeare, de Ibsen, e tudo bem. 37. (1975)-“Defectos y virtudes de los argentinos”, entrevista de Alfredo Serra, revista *Gente*, 13/11/75. (STORTINI, 1990, p. 151)

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Borges parte da premissa de que não é possível ter uma cultura própria posto que seus habitantes não são apenas influenciados pela cultura indígena, como também pela ocidental, especialmente de matrizes inglesa e francesa. Assim como podemos tomar com imparcialidade tudo o que quisermos da cultura ocidental, o contrário também é verdadeiro. O fato é que, ao não permanecer ficar na civilização, ele também fez uma escolha

Acaso a este recuerdo siguieron otros, pero el índio no podría vivir entre paredes y un día fue a buscar su desierto. Yo quería saber qué sintió en aquel instante de vértigo em que el pasado y el presente se confundieron. (BORGES, 1960, edição 2009, OCIII, p.):

O menino inglês tornou-se índio e, distante tanto tempo da sua terra natal, já não se acostumava mais viver na civilização. Por isso, voltou ao deserto e escolheu a identidade que queria para si: ser um índio. O questionamento de Borges que fecha seu comentário diz respeito à própria definição da identidade platina, que está para ser construída e entendida: é bárbara, mas não totalmente, é também civilizada.

1.2-LA HISTORIA DEL GUERRERO Y DE LA CAUTIVA

O mesmo tema e situação da representação do índio, que sintetiza a construção da identidade, está também no conto “La historia del guerrero y de La cautiva”, localizado em *El Aleph* (1949). Trabalhei com este texto em minha dissertação *Augusto Meyer (Brasil/RS) e Jorge Luís Borges (Argentina): Aproximações e diferenças ensaísticas em torno da poesia gauchesca* (2011), orientado pelo professor Dr. Luís Augusto Fischer. A razão pelo qual entrou na pesquisa de dissertação foi justamente a síntese de formação de identidade e a comparação entre duas situações semelhantes, porém, passadas em contextos diferentes: o bárbaro lombardo que se converte civilizado em Ravena (Itália-Europa) e a inglesa-civilizada que se converte em índia-bárbara no pampa argentino (América do Sul). A diferença é que em “La historia del guerrero y de

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

la cautiva”, Borges faz o paralelo da história da inglesa índia com a do guerreiro, que pode ser entendida como uma espécie de metáfora da construção da identidade nacional da Argentina, que é local mas também universal/ocidental, assim como a literatura gauchesca que procura representá-la. Tanto o guerreiro, quanto a inglesa, foram capturados e prisioneiros da outra cultura, respectivamente, civilizada (Ravena) e bárbara (indígena) e por isso, foram preponderantes, a partir daquele momento, para a mudança de identidade (1949, edição 2009, OCI, p.671):

Cuando leí en el libro de Croce La historia del guerrero, ésta me conmovió de manera insólita y tuve la impresión de recuperar bajo forma diversa, algo que había sido mio. (...)La encuentre al fin; era un relato que Le oí alguna vez a mi abuela inglesa, que ha muerto.

En 1872 mi abuelo Borges era jefe de las fronteras Norte e Oeste de Buenos Aires y Sur de Santa Fe. (...)Alguna vez, entre maravillada y burlona, mi abuela comentó su destino de inglesa desterrada a esse fin del mundo; le dijeron que no era la única y le señalaron, meses después, una muchacha índia que atravesaba lentamente la Plaza. Vestía dos mantas coloradas e iba descalza; sus crenchas eran rubias. Um soldado le dijo que otra inglesa quería hablar con ella.

A inglesa tornou-se índia porque fora capturada quando criança e assim aprendeu os costumes indígenas, porque mal teve tempo de ambientar-se antes com a cultura natal. No entanto, apesar de ter se transformado completamente em índia, guardava, tanto em seu aspecto físico (olhos azuis e pele clara) quando algumas lembranças da língua natal, mesmo poucas, alguns rudimentos de sua cultura natal

O ambiente subjugou a civilidade da inglesa. Ele não é, contudo, o aspecto preponderante: quando a avó de Borges indaga se a índia quer voltar à Inglaterra, ela se nega (1949, edição 2009, OCI, p.672): “A esa barbárie se había rebajado una inglesa. Movida por la lástima y el escândalo, mi abuela la exhortó a no volver. Juró ampararla, juro rescatar a sus hijos. La otra le contesto que era feliz y volvió, esa noche, al desierto.”

Mais tarde, a avó inglesa reencontra a índia bebendo o sangue de uma ovelha recém degolada, mostrando que não voltaria a ser civilizada novamente. Isso também

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

significa uma representação da formação identitária: a adoção da cultura indígena pelo europeu para plasmar o tipo que seria o signo da Argentina, que é o gaúcho, e disso resultaria a poesia gaúchesca. Desse modo, o índio, para Borges, pode ser o europeu que adota a sua cultura, não importa se ele é nativo ou não.

2- O ÍNDIO MESTIÇO

Borges representa, em sua obra, o mestiço que possui sangue índio e não se reconhece como tal. Esta é a segunda face do índio presente em sua obra e presentifica-se na figura do colonizador, do caçador de índios (que também é índio) . Encontra-se em dois textos: no poema “El conquistador” do livro *La moneda de hierro* (1976, edição 2009, OCIII) e no ensaio “El escritor argentino y la tradición”, de *Discusión* (1932, edição 2009, OCI.)

Em “El conquistador”, não há referência dentro do texto que se possa dizer que o indivíduo com a voz poética é mestiço de índio, mas a menção de que é bandeirante e soldado errante sustenta a hipótese de que é mestiço de português/espanhol e índio (1976, edição 2009, OCIII, p.159):

Cabrera y Carbajal fueron mis nombres
He apurado la copa hasta las veces.
He muerto y he vivido muchas veces
Yo soy el Arquetipo. Ellos, los hombres.

O bandeirante, o soldado, é o caboclo, resultante da mistura entre europeu (espanhol e português) com índio e que não se vê dessa forma. Encarregado de expandir as fronteiras e de caçar o índio selvagem, considera-se branco. Os sobrenomes espanhóis citados no início do poema denunciam sua face europeia, mas o fato de ser o “arquétipo” mostra que simboliza, para pensar a identidade dos países do sul (Argentina, Uruguai e Brasil/RS), o mestiço, que carrega sangue índio em suas veias também. Desse modo, reforça novamente a construção identitária presente nos contos que vimos.

3- O ÍNDIO SELVAGEM COMO MEMÓRIA E HISTÓRIA

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Por fim, a terceira face, a do índio selvagem e nativo, aparece pincelada em vários textos, com pequenas menções, por isso, minoritária em sua representação. Há menções que descrevem o índio selvagem e seus hábitos, os outros tratam dos ataques dos índios (malones), do seu lugar de habitação (o pampa deserto), bem como a seus perseguidores, por isso não vamos adentrar a interpretação nesses. O último texto trata da entonação do índio na literatura, especialmente nas obras de Evaristo Carriego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .

- _____ Evaristo Carriego. In: **Obras Completas I.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ *Cuaderno San Martín.* In: **Obras Completas I.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ *Discusión.* In: **Obras Completas I.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ La poesía gauchesca. In: *Discusión (1932)* In: **Obras Completas I.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ El escritor argentino y la tradición. In: *Discusión (1932)* In: **Obras Completas I.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ El atroz redentor Lázaro Morell- El lugar. In: *Historia universal de la infâmia.* **Obras Completas II.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ El gaucho, In: *El oro de los tigres.* In: **Obras Completas II.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ **Obras Completas III.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ Elegía del recuerdo Imposible, In: *La moneda de hierro,* In: **Obras Completas III.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ El conquistador. In: _____ In: **Obras Completas III.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- _____ Milonga del infiel. In: *Los Conjurados* In: **Obras Completas III.**Buenos Aires: Emecé, 2009.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. A inconstância da alma selvagem. In: **Perspectivismo e multinaturalismo na América Latina-outras ensaios de antropologia.**São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave. um vocabulário de cultura e sociedade.**
Trad. De Sandra Guardini Vasconcelos. –São Paulo: Boitempo, 2007.
- STORTINI, Carlos R.. **O dicionário de Borges.** Trad.Vera Mourão. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro: 1990.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.